

QUAL É O TAMANHO DO ATOR

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO. Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

Miseravelmente pequeno. Entre batatas fritas e uma coca zero, reconheci o REI.

Sentado mastigava docilmente a oleosa fritura e com o canudinho sugava refri zero açúcar.

Não pode ser. É? Não. Gente. Ele é pequeno, magricela. Não foi este homem que vi agora há pouco no palco.

Ele era gigante, parecia ter dois metros. Eu vi os músculos viris. Quando entrou em cena, o tablado tremeu.

A sua voz trovejou por todos cantos. As luzes curvaram-se aos seus pés, iluminou os passos.

Mas aqui, minutos depois, está um ator esfomeado, franzino, engolindo batatas. Reis comem batatas?

E assim, de tropeço, a arte tirou o véu do meu olhar encantado. Encantei-me pelo REI, ouvi a voz do monarca.

Segui os passos da personagem. A arte traquina a realidade. Amassa, desdobra e fermenta o humano.

Ela suspende as normas, o acordo silencioso entre o espectador e o ator transpõe a experiência direta entre corpo que assiste e corpo que se apresenta. O ator ausenta-se, brota a personagem. O espectador viaja nesta suspensão que irrealiza o mundo.

A arte não é uma representação capenga da realidade, inventa o verossímil.

Os gregos nos entregam o Cavalo de Troia, o permitimos que entre.

O cavalo engana, distrai e suspende os olhares apreensivos, nos faz baixar as guardas da realidade. A arte vence guerras.

A epopeia homérica adianta a gênese que tensiona os debates sobre a arte.

Se a mimese de Platão respondesse todas indagações sobre arte, os troianos não aceitariam o mimo de rendição.

Porém, o Cavalo vestia-se da poética da Aristóteles, não era feito nem de carne e nem de madeira.

Era a terceira dimensão, é a imagem criadora. Imaginadora. A origem do romance moderno remonta à tensão grega, Dom Quixote ficcionaliza a realidade. Viu sua amada Dulcineia nos traços rústicos da lavradora Aldonza Lourenço.

Sancho Pança anuncia inutilmente que os dragões são moinhos de vento.

O cavaleiro reinventa o mundo, deixa-o desproporcionalmente maior. A imaginação é um tipo de força criadora que altera grandezas, transfere desmedidas, transforma o surrado paetê em céu estrelado.

Poetas são sujeitos cismados com as palavras. Manoel de Barros raramente dava entrevistas, dizia que o seu ser literal era interessante, mas que sua dimensão corpórea era ruidosamente ordinária.

Manoel de Barros irrealiza o mundo, inventa-o nas deformidades imaginativas de uma criança.

Gosta dos trechos inúteis do mundo moderno, ou melhor, dá sentido inútil nos cacarecos úteis.

Exercitava a decomposição das palavras para alargar composição das imagens. Desfazia o sentido útil da linguagem, misturava o reles aos desafios universais da alma humana. Parece-nos que as palavras, nos versos de Manoel de Barros, desarranjam os sentidos comuns das mesmas. Abre-se um hiato entre coisa e palavra. A imaginação alarga este fulcro para composição de imagens agigantadas. Os objetos não querem ser vistos na mesura da razoabilidade.

A linguagem transgride o mundo, reinventa-o. O ator que mastigava batatas é a condição ordinária e carnal da vida.

A personagem que o habitou tornou-o desproporcionalmente gigante. Eu o vi como uma criança.

Assisti a dimensão corpórea da linguagem, sendo a escrita mediada na tensão ontológica do ser e a história do corpo.

O corpo jogado nas beiras da palavra era a boca entreaberta de batatinhas e mãos oleosas. Meio triste.

Talvez estivesse tomado por dúvidas ordinárias: como pago aluguel? Acho que quero cagar. Um peido. Outro arrotto.

A comida não caiu muito bem. Pede licença, sai rapidinho da mesa. Agacha as calças e caga. Sente a morte do próprio corpo.

Entre gemidos e gazes, senti os resquícios reais saírem pelas fezes. Sentiu-se mais leve.

Pedi uma caipirinha de limão e flertou com um jovem que estava à sua direita.

■ ■ ■